



TOMÉ

UM HOMEM DE FÉ

TOMÉ

UM HOMEM DE FÉ

TOMÉ

UM HOMEM DE FÉ

Wallices Garcia

TOMÉ, UM HOMEM DE FÉ

TOMÉ

Tomé era um dos doze, seu nome é um termo do hebraico que significa gêmeo. Também era chamado de Dídimos, palavra grega que tem o mesmo significado. Tirando a sua eleição apostólica, que está registrada em Mateus 10 e paralelas, foi João quem registrou a maior quantidade de informações sobre Tomé, levando a acreditar que se conheciam antes do período do discipulado, pois ambos eram oriundos do mesmo lugar. O fato de ser morador da Galileia sugere que exercia a profissão de pescador, já que, na terceira aparição de Cristo ressurreto, vemos Tomé pescando na companhia de Pedro, Natanael, Tiago e João (João 21.1-4).

Um famoso historiador Cristão do século IV, chamado Eusébio, deixou registrado que o verdadeiro nome de Tomé era Judas. Porém, como nunca foram reveladas as suas fontes para tal afirmação, a consistência

dessa informação sempre foi questionável. Não é improvável, no entanto, que Tomé seja seu sobrenome, já que Dídimos era a forma gentílica como era tratado. Outra possibilidade é que Tomé fosse seu nome de discipulado e Judas seu nome original, assim como houve com Pedro e Mateus (Mt 16.18 e Mc 3.17).

Surgiram muitas tentativas de identificar quem seria seu irmão ou sua irmã, tudo isso estimulado pelo seu próprio nome, Dídimos. Por mais que as referências bíblicas a Tomé sejam mais numerosas do que a maioria dos discípulos, o que vemos é uma falta de afirmações concretas sobre quem era Tomé. No entanto, isso não tira desse personagem a sua importância para proclamação do Evangelho.

UM POUCO DE SUA PERSONALIDADE

As narrativas bíblicas sobre Tomé não são suficientes para fazer uma análise precisa de sua personalidade. Porém, é possível observar que ele era diferente de todos os outros. Essas narrativas deixam

transparecer traços de pessimismo e de incredulidade, características que conseguiram rotulá-lo e que o tempo não foi capaz de apagar. Tomé era questionador, enxergava a vida com frieza e sem entusiasmo, mas era leal e, por mais que a grande maioria não concorde, ele era um homem corajoso. Em João 11.1-16, vemos um exemplo claro da sua coragem e fidelidade; Jesus quer voltar à Judeia, onde ressuscitaria Lázaro. Os doze estavam amedrontados com a possibilidade de serem perseguidos pelos judeus, chegando a tentar convencer Jesus da ideia, e são surpreendidos com o chamado de Tomé: *"Vamos nós também, para morrermos com ele"*.

Muitos enxergam certo ceticismo de Tomé na noite em que Jesus foi traído. Enquanto o Mestre consolava a aflição dos seus discípulos dizendo que estava prestes a ir preparar lugar junto ao Pai, Tomé questiona: *"Senhor, não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho"*? Essa pergunta não seria um reflexo da alienação que existia no meio dos discípulos? Seria justo considerar essa pergunta

como evidência de sua incredulidade? Talvez não. Mas, infelizmente, não podemos dizer o mesmo da sua desconfiança com relação à ressurreição de Jesus. Contudo, penso que seja injusto atribuir o desvalor da incredulidade somente ao nosso apóstolo. É como se parte das escrituras tivesse desaparecido para a grande maioria dos leitores da bíblia. Digo isso porque todos os onze discípulos não creram nos testemunhos que ouviram a respeito da ressurreição de Jesus. Observe como, de forma unânime, os discípulos não acreditaram nas palavras de Maria Madalena e suas amigas que, com lágrimas no rosto, testemunharam a eles que tinham visto o túmulo vazio: *"Quando ouviram que Jesus estava vivo e fora visto por ela, não creram" (Mc 16.11). "Mas eles não acreditaram nas mulheres; as palavras delas lhes pareciam loucura" (Lc 24.11).* Reagiram também com incredulidade com dois discípulos desconhecidos que se encontraram com Jesus a caminho de Emaús e vieram testemunhar esse acontecido a todos: *"Depois Jesus apareceu noutra forma a dois deles, estando eles a caminho do campo*

Eles voltaram e relataram isso aos outros; mas também nestes eles não creram" (Mc 16:12-13). O próprio Jesus apareceu aos discípulos naquela tarde de domingo e eles não creram, veja: "Mais tarde Jesus apareceu aos Onze enquanto eles comiam; censurou-lhes a incredulidade e a dureza de coração, porque não acreditaram nos que o tinham visto depois de ressurreto." (Marcos 16:14).

Aqui, o termo onze foi empregado de forma genérica, não significando, necessariamente, que todos os discípulos estivessem presentes. Ou seja, essa narrativa estaria se referindo à mesma narrativa da primeira aparição de Jesus em João 20.19-23, na qual Tomé estava ausente.

É inegável que todos eles estavam com certa disposição para descrever nos relatos da ressurreição. Tomé não foi o único que precisou ver para crer.

O ÔNUS DA DESCRENÇA

Os discípulos estavam vivendo uma atmosfera

desoladora, em que o medo e a descrença reinavam. Tomé não foi o único que experimentou o desalento de ver sua fé parecer ter sido em vão. Os seguidores de Jesus estavam muito amedrontados, se esconderam em uma casa, trancaram as portas e foram tomados pelo pavor de uma perseguição por parte dos líderes religiosos. A morte de Jesus foi um baque para todos. Não sabiam o que deveriam fazer, nem no que acreditar, pois boatos de uma suposta ressurreição certamente surgiriam. Sabendo do que se passava entre eles, Jesus decide acabar de vez com essa melancolia. João deixa claro que a aparição de Jesus foi miraculosa, uma materialização em meio aos galileus acuados: *"Paz seja convosco!"* Jesus deixou claro para todos que aquilo não era uma aparição espiritual, um a um o apalpavam e, por fim, comeram juntos. A realidade se fundiu com o sonho e a incredulidade cedeu lugar à maior de todas as certezas: **Jesus ressuscitou!**

Pobre Tomé não estava presente. Logo em seguida, os discípulos felizes, entusiasmados e com o coração em chamas se encontram com Tomé. Um homem

que ainda estava experimentando do abandono de Deus, do fracasso da fé e da ameaça de ser assassinado. Aqui, há um choque de realidades que a maioria dos leitores não percebe. Se fosse Tomé quem tivesse se encontrado com Jesus e chegasse aos outros discípulos tão entusiasmado e dissesse: "Vi o Senhor!" a reação deles não seria a mesma?

Certamente que sim. A realidade de Tomé ainda era de incertezas e medo, deixando claro para nós que Jesus conhecia perfeitamente as mazelas de Tomé. Jesus entendia a crise que Tomé estava passando e a própria aparição de Jesus a ele foi uma grandiosa expressão de amor.

Por onde andava Tomé durante a maravilhosa aparição de Jesus? As escrituras não explicam o motivo de sua ausência, o que nos deixa ainda mais confusos, pois seria uma loucura muito grande para um discípulo de Jesus, perambular pelas ruas de Jerusalém naquele momento, levando em conta a hostilidade que existia para com os seus seguidores. Podemos observar isso quando Pedro negou a Cristo (Mt 26.73). Apenas seu sotaque despertou a

desconfiança dos judeus e passaram a acusá-lo de cumplicidade com Jesus.

O que podemos entender é que Tomé enfrentou todos esses riscos e se ausentou de todos e, se ele o fez, foi porque tinha suas razões. Tomé estava cego pela circunstância, seus olhos enxergavam bem, mas seu coração não sentia nada. Estava vivendo a experiência do abandono de quem ele menos esperava, não tinha como alimentar sua esperança com mais nada. A realidade pedia um tempo para refletir, talvez horas ou até mesmo dias. Junto com essa possibilidade, temos o fato de que alguém precisava providenciar os mantimentos necessários para todos e isso deveria ser feito de forma bem discreta evitando levantar a suspeita de que ele tinha alguma ligação, tanto com Jesus quanto com os discípulos.

É perfeitamente compreensível a reação de Tomé com a afirmação dos discípulos: "Vimos o Senhor!" Tomé estava exausto e não queria ser alvo de alucinações, provavelmente não dormia há dias.

Tomé também queria livrar seus amigos desse engano e se cercou de critérios bastante rigorosos para evitar ser enganado pelas suas próprias limitações psicológicas. Não bastava apenas ver, ele tinha que tocar nas feridas dos pregos e também na perfuração que a lança do centurião causou em Jesus. Essas eram as condições, é como se Tomé estivesse dizendo para seus amigos que não adiantava continuar com a falácia, as condições já estavam estabelecidas e ele não abriria mão. Um misto de raiva e frustração.

Porém, a forte repreensão de Jesus produziu em Tomé frutos de arrependimento. A cegueira de Tomé não suportou a luz forte da Verdade. Voltou a ver, voltou a crer. Jesus supriu as necessidades de Tomé, assim como fez com os outros. Fez Tomé vencer as suas condições pré-estabelecidas, fez Tomé derrubar as muralhas que ele mesmo construía. A repreensão foi um ato de amor, era tudo que o nosso apóstolo precisava naquele momento e a aparição de Jesus estava dentro de um propósito para Tomé e para o mundo.

MISSÃO

Tomé foi preenchido com a Verdade, a certeza trouxe paz, inflamou seu coração e o impulsionou a levar as Boas Novas do Evangelho e morrer por essa missão. As regiões tradicionalmente visitadas por Tomé são a Babilônia, a Pérsia, a Média, a Etiópia Asiática, a China e a Índia. Entre os séculos 49 e 50 d.C., nosso apóstolo foi protagonista em missões importantes na Pérsia (atual Irã), em companhia de Judas Tadeu. Na Índia, Tomé desembarcou em Malaber por volta de 52 d.C., ele não só evangelizou como também instituiu congregações. O fluxo comercial na área da Índia era muito grande por causa da rota marítima ali existente. É bem provável que esse fluxo comercial trouxe a informação de que existiam colônias judaicas estabelecidas na longínqua Índia e a missão de Tomé era justamente evangelizá-las. Por volta de 72 d.C., depois do fracasso na tentativa de revolta contra os romanos, muitos judeus desembarcaram na Índia, o que prova que os judeus já tinham conhecimento sobre esse país.

Um dos mais respeitáveis pesquisadores da missão

de Tomé é o teólogo católico A. M. Mundadan. Ele afirma no seu livro [As tradições dos Cristãos de São Tomé] que "[...] o apóstolo Tomé pregou o evangelho na Pártia e na Índia, converteu a muitos, inclusive membros da realeza, vindo, posteriormente, a sofrer o martírio [...]". Para ele, a principal fonte é o apócrifo Atos de São Tomé, no qual a Índia é mencionada como palco de suas atividades.

O nosso apóstolo foi enviado por Cristo acompanhado de mais dois apóstolos: Judas Tadeu e Bartolomeu. Visitaram primeiramente a Babilônia e depois a Pérsia, onde Bartolomeu foi morto. Tomé deixou Judas Tadeu para voltar a Socotora (Índia). Seguiu para Milapora (Índia) e China; de lá, retornou para Milapora, onde construiu sua casa.

Tomé andou bastante por causa do evangelho, convicto de sua missão, ele pregou as Boas Novas de Jesus, batizou pessoas e fundou igrejas por onde passou. Por causa do seu ministério, foi alvo de inúmeras perseguições que culminaram em seu martírio.

A MORTE DE TOMÉ

Os sacerdotes brâmanes, a primeira casta da sociedade hinduísta, percebendo que a pregação de Tomé estava comprometendo sua religião por causa das inúmeras conversões ao evangelho, decidiram, em conselho, matar o apóstolo. Tanto no livro **Em busca dos doze apóstolos** [The Search for the Twelve Apostles], de *William Steuart McBirnie*, quanto no livro **A vida e a morte dos santos apóstolos** [The Lives and Deaths of the Holy Apostles], de *Dorman Newman*, nos é contado que os brâmanes encontraram Tomé orando e o mataram de forma brutal lançando contra ele dardos e lanças. Newman comenta ainda que Tomé era um homem de divina procedência, construiu igrejas e fez muitos milagres.

O QUE APREDEMOS COM TOMÉ?

Tomé não estava preocupado em se defender ou de deixar uma reputação de homem crédulo para nós, seu propósito era maior, aliás, ele não pensava que sua vida deixaria um legado tão grande. Ele passou a viver um dia de cada vez e ser útil a cada dia, não se

preocupava com o que pensavam nem com o que pensariam a seu respeito. O que movia seu coração e, conseqüentemente, seu corpo era pregar a morte e ressurreição de Jesus, ele sabia que essas palavras tinham poder para salvar povos, tribos e nações.

Ele conhecia bem o poder da palavra do evangelho, pois, quando ele estava sepultando sua fé, foi essa palavra que o chamou pelo nome e o impulsionou a crer e conseqüentemente a ver. Tomé venceu a dureza do seu coração e trabalhou muito em prol do Reino de Deus. O homem que tem seu nome associado a incredulidade morreu de joelhos. Embora pecador, evangelizou nações difíceis, com reis maus e um povo cheio de dogmas religiosos. Mas venceu pela fé, venceu se humilhando, reconhecendo que era incapaz e que dependia que Deus estivesse vivo dentro dele em todo instante.

A história de Tomé nos mostra a realidade de como é seguir a Cristo, é necessário posicionamento radical, nem que isso custe a nossa própria vida. A morte é lucro se for usada por Deus para conversão de

outros. Tomé, agora, não tinha mais dúvida para onde iria, já não era mais aquele homem de perguntas alienadas, conhecia o propósito de Deus e sua mente estava alinhada com a logística do Reino. Em momentos de crise e de turbulência, é preciso reconhecer a real situação, é preciso dizer, gritar se for preciso, que tudo está indo por água abaixo. O amor une a providência com a necessidade.

Deus conhece as mazelas do nosso coração. Às vezes, por conta das circunstâncias, temos a tendência de ficarmos cegos. Deus, porém, na sua infinita bondade, conhece as condições que estabelecemos para seguir em frente e, por Ele nos conhecer de forma tão profunda, sabe que isso não é um **react** a Ele. Veja, o problema de Tomé não era com Deus, mas com a circunstância que o impedia e Deus agiu através de Seu Filho para mudar aquela realidade, por mais que as palavras de Jesus fossem duras, eram exatamente o que Tomé precisava.

As palavras de Deus são para nós exatamente o que precisamos, Ele sabe qual é o momento de falar

suave e qual o momento de falar duro. Nós precisamos desse atropelo da verdade para que o nosso coração se abra e os nossos olhos vejam.

Tomé nunca mais pediu um sinal para Deus, ele foi fiel até a morte. Para quem pede um sinal para crer eis a resposta de Jesus: *"Uma geração perversa e adúltera pede um sinal milagroso, mas nenhum sinal será dado a vocês, a não ser o sinal de Jonas"* (Mt. 16.4). Jonas ficou três dias e três noites dentro da barriga do grande peixe, esse fato faz alusão à morte e ressurreição de Cristo no terceiro dia, porque quem não crer que Jesus ressuscitou no terceiro dia não está acreditando em nada.

BIBLIOGRAFIA

DEBARROS, Aramis C. / Doze homens, uma missão. São Paulo, Hagnos, 2006.

MCBIRNIE, William Steuart / A fascinante busca pelos doze apóstolos. Curitiba, Atos, 2013.

NEWMAN, Dorman / A vida e a morte dos santos apóstolos. 1685.

CARSON, D. A. / Comentário bíblico. São Paulo, Vida Nova, 2009.

